

NAS RUÍNAS DO RUHR

Por Reinaldo V. Theodoro



Muitas vezes, nos vemos diante da situação de ter um modelo, desejar fazer um diorama com ele e não saber em que cenário ele melhor se encaixaria. A saída óbvia é: pesquisar.

Com o advento da Internet, realizar pesquisas tornou-se um processo rápido, fácil e barato – desde que você saiba inglês. Essa limitação tem prejudicado muitos modelistas brasileiros, mas é para socorrê-los que a Home Page do SOMNIUM existe. E nessa matéria vamos apresentar todo o processo de criação de um diorama utilizando um kit do M36 Jackson americano.

Para começar, um pouco de história: o M36 “General Jackson” era um Tank Destroyer (Destruidor de Tanques) que foi lançado em junho de 1944, mas que só começou a aparecer na França em setembro desse ano.

Definindo o Cenário:

Uma vez definido o “astro”, temos que escolher o cenário em que ele vai aparecer. Como o M36 só atuou na Europa e apareceu somente em setembro de 1944, estão descartados cenários relacionados ao Pacífico, à Normandia e à libertação da França. Ele pode ser associado à luta na direção da fronteira alemã (Aachen, Metz, etc.), Ardenas,

Itália, Reno e invasão da Alemanha. Como houve uma grande operação de cerco na região industrial do Ruhr, na Alemanha, no início de 1945, é este cenário que iremos escolher.

O Ruhr é caracterizado por grandes cidades e grandes indústrias. Por isso, foi alvo constante dos bombardeios estratégicos aliados e, no início de 1945, ele estava praticamente em ruínas. Portanto, o nosso cenário será numa rua de uma cidade em ruínas, com uma construção arruinada e com destroços nas ruas. Podemos optar entre uma cena de combate ou um momento de sossego. Por mera conveniência (eu tenho kits de soldados americanos “em repouso” e o kit não inclui as figuras dos tripulantes em ação), escolheremos a segunda opção.

É preciso, antes de qualquer coisa, fazer “experiências” entre os elementos principais que constituirão o diorama, buscando uma cena equilibrada. Sobre a base (neste caso, um pôster) colocamos o veículo (apenas o casco já é suficiente para dar uma idéia), com as calçadas, prédios e soldados, bem como formar, na mente do modelista, uma imagem mais clara do que ele pretende e do que ele pode fazer. De imediato, notamos que o veículo terá a torre virada um pouco para a esquerda, pois, se ficasse reta, a ponta do cano do ca-

nhão ficaria para fora da base. Vemos também uma área que ficaria vazia à esquerda, à frente do diorama, que seria uma área adequada para os destroços e, finalmente, a calçada diante do prédio pode abrigar as figuras humanas convenientemente espalhadas. Contudo, ainda resta uma área no lado direito do diorama, que nós ocuparemos com alguns acessórios interessantes.

O Blindado:

O M36 da Tamiya na escala 1/35 não é um kit dos melhores. Por ser antigo (da década de 70, se não me engano, produzido no Brasil durante algum tempo), ele tem erros e omissões imperdoáveis. Para todos os seus problemas, porém, teríamos soluções simplesmente comprando acessórios avulsos (photo-etched, kits de detalhamento, etc.). Contudo, nossa meta com essa matéria não é criar plastimodelistas profissionais, mas, sim, estimular o interesse por esse hobby e, portanto, procuraremos dar as soluções mais baratas (ou simplesmente deixamos como está).



O Kit do M36 “Jackson” escala 1/35 da Tamiya, modelo produzido no Brasil.

A montagem do kit é bastante simples e segue fielmente as instruções do modelo. Um detalhe que não pode passar despercebido é que se trata de um veículo de torre aberta, ou seja, não tem “tampa”. Com isso, as cores claras usadas normalmente no interior de blindados aqui não têm vez. Portanto, o veículo é totalmente pintado de “Olive Drab”.

Outro detalhe interessante é referente ao freio de boca do canhão. A folha de instruções, bem como o desenho na tampa da caixa, mostra o freio de boca com a forma elíptica no sentido vertical. No entanto, a foto do modelo montado mostra a elipse no sentido horizontal. Qual está certa? Resposta: ambas! O freio de boca era uma peça que era afixada à extremidade do cano do canhão e, portanto, podia ser posicionada ao gosto da tripulação (teoricamente, poderia ser fixada torta, mas

não encontrei nenhuma evidência fotográfica disso).

O kit não nos fornece as barras fixadas às laterais da torre e que servem de cabideiro para a bagagem da tripulação. Contudo, ele pode ser feito facilmente com sprue (plástico derretido), arame, fio de cobre ou lançando mão de peças similares de outros modelos (uma boa sucata de kits é imprescindível).



O cabideiro na lateral da torre, aqui feito com sucata de plástico de outros kits.

A metralhadora que vem no kit é simplesmente sofrível e a sua substituição é desejável, seja através de sucata ou de sets de detalhamento.

O “rack” de munição é uma característica bastante interessante deste veículo e não aproveitá-lo seria um verdadeiro pecado. Felizmente, o kit nos brinda com cartuchos que, uma vez pintados adequadamente, serão inseridos em alguns nichos do “rack” – com o cuidado de deixar alguns vazios, insinuando que ele esteve em ação recentemente.



Nesta vista, podemos ver o “rack” de munição parcialmente ocupado e a metralhadora nova.

Por incrível que pareça, a suspensão do veículo não vem com os amortecedores, tão facilmente

visíveis em todos os modelos de Sherman (já que a suspensão é a mesma, VVSS). O jeito foi arranjar um exemplar do amortecedor (em outro kit, obviamente) e providenciar a sua cópia em resina. Não é um processo caro nem muito trabalhoso, mas vamos deixar isso para outra matéria. Uma falha imperdoável do kit (digna de denúncia ao PROCON) é a ausência de um círculo na altura do eixo do mantelete nos dois lados dele (ironicamente, esse círculo aparece no desenho da caixa). Contudo, utilizando um pedaço de plástico na espessura correta e muita habilidade, pode-se confeccionar os círculos e colá-los sem maiores problemas.



Aqui está bem visível o círculo na lateral do mantelete, a qual teve que ser feita com plástico.

As alças do kit são simplesmente horrosas, sendo maciças. Não temos alternativa senão raspá-las e confeccionar novas com arame, fio de cobre ou sprue (eu recomendo fio de cobre de uma bitola bem fina, em torno de 1,0 mm²) e depois colá-las com cianoacrilato.



As alças das escotilhas de proa tiveram que ser refeitas com fio de cobre.



As alças das tampas do compartimento do motor também tiveram que ser substituídas. Note, em primeiro plano, uma alça original que ainda não foi raspada.

Embora no diorama a torre vá ficar fixa, não é conveniente colá-la ainda, mas somente após feitos os testes com o cenário já estabelecido. Também é mais conveniente colá-la após a pintura e juntamente com a colagem dos acessórios. Sob a proa do M36 é facilmente observável em muitas fotos uma espécie de apoio ou degrau, feito em chapa, cuja finalidade aparentemente é facilitar o acesso dos tripulantes pela proa. Ela é muito fácil de ser feita com uma chapa metálica fina (do tipo encontrado nas tampas de disquetes de 3½"). Já os ganchos de reboque, como sempre, vêm maciços, quando de fato são furados. É a hora e a vez da mini-furadeira entrar em ação, mas com muito cuidado, pois a posição é muito ruim e a furadeira acaba trabalhando torta, com sério risco de quebrar a broca.



Um close-up no degrau e nos ganchos de reboque adequadamente preparados.

Os pára-lamas e guardas dos faróis são excessivamente grossos, como na maioria dos kits de plástico, já que este material ficaria quebradiço demais na espessura correta. Ou você compra

sets de photo-etched que corrijam esse problema ou faz com chapa fina, mas nos dois casos é preciso muita habilidade para que as peças fiquem idênticas e simétricas. No nosso caso, vamos ignorar esse percalço e usaremos as peças originais.

Não sei porque cargas d'água o kit não traz o conjunto de limpeza do cano do canhão, que fica num "rack" próprio para ela na lateral do blindado (os kits do Sherman costumam vir com ele). Como se trata de um longo canhão de 90 mm, bem diferente do canhão de 75 ou 76 mm do Sherman, neste caso recorrer à sucata não vai resolver nosso problema. O jeito é fazer de conta que o veículo perdeu o acessório em alguma esquina e ir em frente.

As ferramentas do modelo são moldadas diretamente no casco do veículo, o que é uma abominação para o plastimodelista, pois, não importa quão habilidoso ele seja, o resultado nunca fica tão bom quanto se as peças fossem avulsas. Novamente, a única alternativa seria raspar essas peças e acrescentar novas de algum set de detalhamento ou sucata, mas vamos nos abster disso aqui também.



Traseira do M36, com as ferramentas moldadas.

A antena, como sempre, é feita de sprue, sem qualquer dificuldade.

Como não existe nenhum detalhamento do interior, faremos questão de manter as escotilhas de proa fechadas, embora blindados em áreas de retaguarda costumem apresentar essas escotilhas abertas, para melhorar a ventilação no seu interior. Mas vamos ignorar isso também.

Os decalques que vêm com o kit representam três unidades diferentes. Os Tank Destroyers eram organizados em batalhões independentes, muitas vezes subordinados a organizações de tamanho Exército. A simbologia usada para identificação da unidade neste caso é bastante simples: são sete dígitos, sendo os dois primeiros

indicativos da Grande Unidade (GU), os três seguintes designam o batalhão e os dois últimos designam o tipo de arma usado. Portanto, tomando como exemplo um dos decalques do kit, o 5A701TD indica que o veículo é um Tank Destroyer (TD), do 701º Batalhão, do 5º Exército (que estava na Itália). Ainda abusando de nossos conhecimentos de militar, sabemos que o Ruhr foi cercado pelos 1º, 9º e 15º Exércitos americanos e, portanto, este decalque não vai nos servir. O outro decalque é do 3º Exército (3A705TD) e, finalmente, um do 1º Exército (1A814TD), o qual será usado. Quanto à designação do veículo (B-15), eu optei por usar outra (C-20). Não há problema nenhum quanto a isso, pois todos os batalhões tinham veículos com essas mesmas simbologias, que designam a Companhia (no nosso caso, a "C") e o número do veículo nela ("20"). O único problema seria o número de série (40139527), já que ele é único para cada veículo produzido, mas vamos fazer de conta que você não sabe disso e usaremos qualquer um mesmo... (mas se você se importar com isso, basta cortar dois ou mais algarismos e trocá-los de ordem – mas tomando o cuidado de deixar o "40" na frente, pois ele é indicativo de "Tank Destroyer"). Já o nome escrito no casco ("Trigger") não é original do kit, mas como os americanos tinham o hábito de dar nomes aos seus veículos, não há nada de inconveniente nisso.



Os números na proa do blindado. Uma escolha errada aqui pode arruinar todo o trabalho.

Agora que o veículo está montado e pintado, temos que sujá-lo (seria o caso também de amassá-lo ou furá-lo, mas como ele é relativamente novo, vamos nos abster disso). Uma aguada de preto normalmente é suficiente para espantar o aspecto de brinquedo do kit recém-acabado e, caso você use tinta brilhante (como eu), é hora de fosqueá-lo. Existem vernizes fosqueadores de vários tipos, inclusive em spray.

Embora ele esteja andando na cidade, é razoável crer que ele atravessou terreno aberto antes de chegar nela e, portanto, sujaremos as suas lagartas com lama (nada exagerado, naturalmente, pois o simples circular do veículo pelas ruas já bastaria para que o grosso da lama caísse). Meu método favorito de fazer lama é misturar esmalte sintético marrom (no caso, marrom tabaco) com farinha de trigo. Além de dar um efeito visual bastante interessante, a farinha fosqueia a tinta.



A lama dá um toque especial no veículo.

Resta agora acrescentar os acessórios. Os tripulantes de blindados levavam tudo o que podiam sobre o casco do veículo, incluindo lonas, caixas, "jerry cans", etc. Neste caso, o modelista tem ampla liberdade para escolher o que quer acrescentar e existem acessórios em resina a preços bastante convidativos. Existe uma foto (que figurou durante algum tempo na "Imagem em Destaque" de nossa Home Page) de um Sherman que trazia um tanque japonês "na garupa". Também existe uma foto de um Sherman que levava um busto de Hitler na proa. É lógico que não precisamos de nada tão pitoresco em nosso diorama.



Os acessórios ficam ao gosto do freguês.

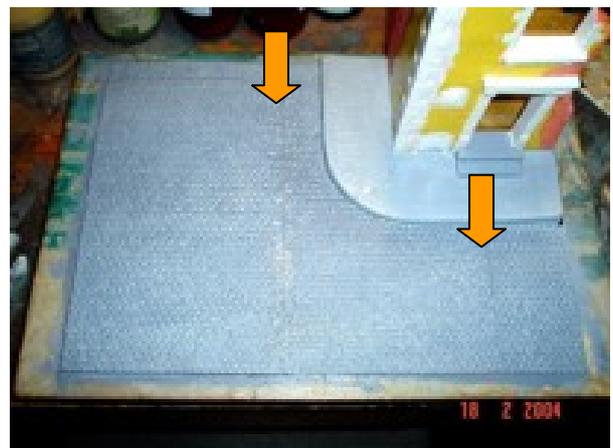
A Rua:

Existem no mercado diversos kits de prédios, calçadas e calçamentos em gesso e resina. No nosso caso, usaremos placas de gesso. Serão necessárias duas placas e meia (embora a parte sob o prédio seja substituída por enchimento de madeira, apenas para manter o prédio nivelado com a rua).



Calçamento de gesso.

A união entre as placas representa um problema à parte. Embora possamos lixar a face inferior das placas até que elas fiquem com as bordas perfeitamente niveladas, ainda assim é bastante perceptível a junção delas. Qualquer recurso para disfarçar isso será válido: usar massa, colocar entulho, por o próprio blindado em cima da linha divisória (na fase de experiências, pode ser definido onde as junções ficarão), etc. No fundo do diorama também foi necessário colar alguns pedaços de calçamento.



As junções das placas de calçamento de gesso ainda são bem perceptíveis mesmo após a primeira pintura.

Um acréscimo importante é um poste de luz, confeccionado em metal. Como o local está em ruínas, não seria lícito esperar que o poste estivesse intacto e então colocamos vidros quebrados nele, feitos com finas folhas de acetato transparente. Como um requinte a mais, acrescentamos uma lâmpada (quebrada, naturalmente), retirada de um set da Tamiya.

O Prédio:

O prédio é uma casa de dois andares em ruínas. O kit em gesso vem com as duas paredes, a calçada e os degraus da porta de entrada. Só. Cabe ao modelista (com acessórios, recursos os mais diversos, criatividade e habilidade) extrair uma casa e uma estória disso.

De imediato é preciso fazer um piso, tanto para o térreo quanto para o segundo andar. Ambos serão feitos de “tábua corrida”, com o concurso de uma matéria-prima abundante na nossa sociedade: palito de picolé.

Uma vez limpos, lixados e “aparelhados”, as “tábuas” são coladas a um piso previamente preparado, sendo plano e reto. As tábuas são cortadas para que sejam feitos os encaixes, alternando-se tábuas “longas” e “curtas”. Feito isso, uma demão de verniz para madeira dá um acabamento mais que satisfatório.



O piso do térreo, já envernizado.

Para o segundo andar, temos uma complicação: não temos uma base plana. Para tanto, colamos pedaços de madeira de seção quadrada de cerca de 5 mm de lado nas paredes, na altura aproximada do piso. Presos a eles saem os “caibros” que sustentarão as tábuas. Tudo isso feito com madeira balsa, palitos de picolé e cola branca. Sob esse piso, porém, fica o teto do primeiro andar, o qual é feito com madeira balsa muito fina, cortada com um estilete e a ajuda de uma régua. As extremidades das madeiras aqui serão convenientemente quebradas, insinuando que parte do

piso desabou. Como um requinte a mais, aplicamos “rodapés” feitos novamente com madeira balsa muito fina.



O piso do 2º andar. Observe o rodapé nos dois andares.

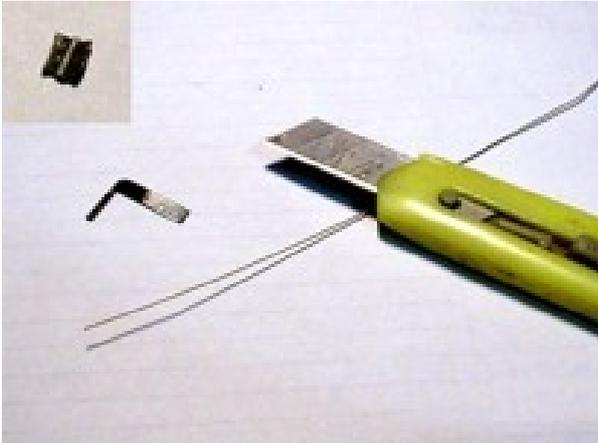
Um acessório imprescindível nesse caso é a porta. Felizmente, também existem no mercado portas e janelas em resina, mas com um pequeno defeito: apenas uma face é trabalhada. Portanto, elas têm que ser fixadas de forma que apenas um lado possa ser visto. Como pretendemos detalhar o interior da casa (de fato, já começamos a fazer isso), a porta e uma das bandas da janela do segundo andar ficarão fixadas na posição aberta, com a parte tosca voltada para a parede. A outra banda da janela do segundo andar terá sido arrancada e ficará no chão (também com a face tosca escondida). Graças a um belo set da Verlinden, poderemos acrescentar uma bonita maçaneta à nossa porta.



Set de porta e janelas de resina, já pintadas e com a maçaneta instalada na porta.

Contudo, no caso das dobradiças, teremos que nos virar. Mas é muito simples: recorta-se um pequeno quadrado de chapa fina, nas dimensões

aproximadas que a dobradiça aberta teria, e corta-se em seguida um pequeno pedaço de sprue, que será colado no meio do quadrado de chapa, simulando o eixo da dobradiça. Você pode ainda dobrar a placa pelo meio, no ângulo que você desejar que a dobradiça fique. Uma vez pintado e colado, o resultado é bastante convincente.



Para fazer uma dobradiça, só precisamos de um pedaço de chapa fina, um sprue e um estilete. No detalhe, a dobradiça pronta.

A escolha das cores não requer muita preocupação, mas é mais sensato o uso de cores primárias (azul, amarelo, etc), uma vez que não havia na época a gigantesca variedade de cores que as indústrias modernas produzem. Outro detalhe é que não era comum usar o branco (ou cores similares, como gelo ou palha) nas paredes internas (que a moderna luminotécnica recomenda e que hoje é uma regra). Portanto, decidimos pintar a parede externa de amarelo (que dará um bom contraste com o cinza do chão e o verde do veículo), enquanto a parede do cômodo do térreo será azul e do segundo andar será rosa (pode ter sido o quarto de uma menina). Existem recursos mais sofisticados hoje em dia, incluindo o uso de papéis de parede impressos em computador. Mas vamos deixar esses abusos para outra ocasião.

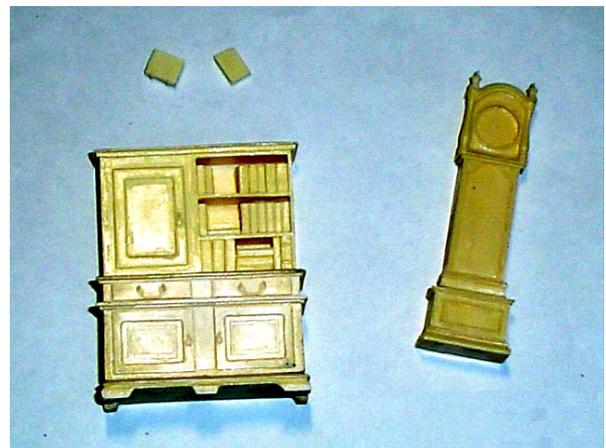
Os detalhes da parede externa (incluindo uma cabeça de leão) serão pintados em branco, que forma uma combinação agradável e suave com o amarelo. Contudo, trata-se ainda de uma ruína e parte considerável do reboco desabou, deixando os tijolos aparentes. A cor alaranjada dos tijolos é muito fácil de ser reproduzida (basta misturar vermelho e amarelo em diferentes quantidades até atingir a cor certa), mas o cimento entre eles também precisa ser representado. Para isso, é necessário que seja feita uma aguada de cinza, não muito diluída, e que o excesso seja removido com um pano, deixando a tinta cinza apenas nos espaços entre os tijolos.



A aguada em cinza deve ser removida com um pano, deixando a tinta cinza apenas entre os tijolos.

Móveis e Outros Acessórios:

Não podemos deixar de colocar móveis nessa casa. Existem sets de resina, plástico e metal, com todo tipo de móveis, na escala correta (os que são comercializados por algumas revistas não são na escala 1/35 – tome cuidado). No nosso caso, usaremos uma estante e um relógio de pedestal, ambos de resina.



Os kits de móveis em resina, ainda "crus".

A estante nos oferece um sério desafio: os livros. Eles podem ser de qualquer cor, ou cores, mas, para que tenham um efeito bonito, é preciso que eles tenham cores distintas entre si. Contudo, como eles são moldados todos juntos e nas prateleiras, pintá-los sem tocar na cor da estante nem dos outros livros é um exercício de paciência e controle. Como um requinte a mais, usamos decalques com dizeres normalmente usados em kits de aviões (aquelas letrinhas miúdas que ninguém lê) para ilustrar as bandas dos livros (como nem eu nem você falamos alemão, ninguém vai questionar os "títulos"). O resultado foi bastante

interessante. O kit também apresenta dois livros avulsos, um dos quais eu transformei numa bíblia, simplesmente cruzando sobre a capa preta duas finas tiras de decalque amarelo (ela tem ainda um marcador de página de fita vermelha, feito com um decalque dessa cor).



Os livros pintados e com seus "títulos".

Ainda quanto à estante, temos que pintar os puxadores de portas e gavetas. Embora esse serviço possa ser feito com pincel, eu fiz uso de um palito de dentes comum, embebido em tinta dourada. Mais uma vez, foi preciso gastar meu estoque de paciência e habilidade.



Usando um palito para pintar os puxadores.

O relógio também nos apresenta uma complicação: o mostrador. O kit não nos oferece nem mesmo os ponteiros, que serão feitos lixando pequenas lascas de plástico até ficarem aceitáveis (existem no mercado sets para isso também, em photo-etched, com ponteiros muito bonitos). Já com o mostrador, o jeito é fazê-lo no computador e reduzi-lo, para que possamos imprimir e colar no espaço destinado a ele. Para dar um

charme a mais, eu fiz o meu com algarismos romanos. Para arrematar, coloquei um pedaço fino de acetato, cortado simulando quebrado, para fazer o vidro do relógio.

Mas os acessórios não param aí. Reduzindo convenientemente a foto de um oficial alemão (ganha um doce quem adivinhar de quem é a foto), temos um retrato que emolduramos com finos pedaços de madeira balsa, pintados de marrom tabaco, com um pedaço de acetato representando o vidro. Uma pequena tarja preta no canto superior direito da foto indica que ele é falecido, possivelmente morto em combate (coisa muito comum na Alemanha de 1945).



Vista do térreo. Aqui podemos ver o relógio, o teto da sala e o retrato na parede.

Do lado de fora da construção, temos que acrescentar alguns acessórios também. Os alemães sabiam que haviam perdido a guerra e, portanto, era hora de se livrar de uniformes comprometedores (como os das SS), que ficam jogados no chão, bem como botas e um capacete. Os uniformes e o capacete são adornados com decalques de um set produzido no Brasil, criado por um somniano, o Luciano Barbosa.



Um capacete e uniformes com comprometedoras insígnias e um par de botas, todos abandonados pelos derrotados soldados alemães.

Na parede externa, colocamos um cartaz de propaganda. Contudo, embora existam vários cartões de réplicas reduzidas (e até na Internet você encontra cartazes interessantes), nenhum dá explicações a respeito deles. E, no nosso caso, como o cartaz tem que ser em alemão, um dicionário é bem-vindo. Eu escolhi um que tem os seguintes dizeres: “Escureça! – O Inimigo Vê a Sua Luz”, referindo-se ao black-out das cidades alemãs, devido aos bombardeios noturnos aliados (bastante apropriado para o local e a época retratados). Este detalhe pode se revelar desastroso para um modelista desavisado, pois este mesmo cartaz, num cenário de 1940, quando o bombardeio de cidades alemãs nem engatinhava, seria incoerente.

Deve ser observado também que estes cartões são muito grossos e o cartaz, uma vez recortado dele, deve ser “afinado”, retirando-se com muito cuidado algumas películas do papel. Mesmo que acabe rasgando, isso não é muito ruim, pois o cartaz pode ter se rasgado na parede. Dependendo de como fique, o efeito pode ficar até mais interessante.



Cartaz de propaganda alemã da 2ª Guerra Mundial. A sua escolha também merece atenção.

Destroços:

Um fator importante no nosso cenário são os destroços. Os alemães costumavam amontoar os destroços das casas destruídas à margem da rua para liberar a passagem, o que para nós será bastante conveniente.

Para este diorama, eu optei por juntar num grande pote plástico pedaços de resina quebrada, pedras, pedaços de madeira, fragmentos de acetato (imitando vidro quebrado), tijolos (de sets apropriados), terra, pedaços de arame e tudo o que parecesse com destroços. Neste pote, coloquei água e cola branca e fiz uma “sopa”. Em seguida, despejei essa “sopa” nas áreas destinadas aos destroços, amontoando-os convenientemente. O resto do “caldo” eu espalhei por todo o diorama, disseminando pequenos detritos por todo o cenário, incluindo a casa, dando um aspecto geral de ruína e destruição. Uma vez seco,

podemos lançar mão de uma aguada de preto, para reforçar os contornos e escurecer o visual, e finalmente aplicar uma camada de spray de verniz fosco, que fosqueia e ajuda a fixar os detritos.



Os destroços amontoados num lado e espalhados pelo restante do cenário.

Figuras Humanas:

Ao todo, utilizaremos sete figuras humanas, oriundas de diversos sets, incluindo um tripulante de tanque (que vem em todo kit de tanque americano da Tamiya).

Alguns detalhes devem ser observados quanto ao “elenco” do diorama. Por exemplo, eles devem estar vestidos adequadamente para o período retratado. O cerco do Ruhr foi após a travessia do Reno, a qual se deu em março de 1945 e, portanto, o cenário deve estar ambientado em algum momento entre março e maio de 1945, ou seja, primavera na Europa. O tempo já esquentou e, portanto, capotes e casacos não são apropriados (embora um dos soldados esteja usando uma espécie de lenço vermelho no pescoço, bem ao estilo de Ben Gazarra em “A Ponte de Remagen”). Todos, sem exceção, estão em posição de descanso (“at rest”), sentados, fumando, lendo, etc. Para cada um deles deve ser elaborado um papel na cena e eles devem ser distribuídos de forma irregular, mas com bom senso.

Há casos em que os soldados são totalmente desmontados, com cabeça, braços, tronco acima e abaixo da cintura, com as pernas. Isto nos permite uma considerável liberdade para definir posições para nossos “atores”. Não se limite a seguir as instruções de montagem da caixa, dando preferência a intercambiar membros entre as figuras. Além de aumentar a sua liberdade de criação, permite a você ter figuras únicas no seu diorama, embora isso deva ser feito com muita atenção. Seria ridículo alguém notar que o punho de uma camisa é diferente de um braço para o outro.

Também seria no mínimo esquisito alguém estar com uma das mangas arregaçada e a outra, não.



Braços e cabeças de todas as procedências, em plástico, resina e metal. A liberdade de escolha.

A junção do tronco com os membros superiores pode criar problemas quando são cambiados. Mas isso pode ser resolvido com um estilete, lixa e massa e não é preciso que você seja nenhum Michelângelo para fazer isso.



A junção do braço direito com o tronco precisou de uma boa dose de massa e lixa.

Também é necessária muita atenção nas dimensões. Mesmo quando a caixa informa a escala, é preciso comparar peças de kits diferentes, pois mesmo na mesma escala, podem existir soldados baixinhos e outros muito altos, criando desproporções entre os membros e o corpo.

Existem ainda sets de cabeças (normalmente de metal), que permitem a você escolher as feições do rosto (sorrindo, gritando, bebendo, etc.) e, mais importante no nosso caso, sem capacete.

Os olhos são sempre uma parte muito delicada. Eu uso um finíssimo pedaço de sprue preso em um palito para fazer o "branco" dos olhos e um alfinete para fazer o "preto". Contudo, às vezes

ainda é necessário limpar e fazer tudo de novo. Lembre-se de que não se trata de desenho japonês: os olhos têm que ser pequenos e bem posicionados, pois na escala eles quase não são perceptíveis. Além disso, deve-se tomar cuidado para não fazer nenhum soldado "vesgo".



O cuidadoso trabalho de pintar os olhos.

Uma vez que estejam pintados e "sujos" (sem exageros, por favor – eles são soldados, não mecânicos), eles podem agora ser fosqueados. No caso específico deste diorama, o resultado não foi dos melhores, pois eu acabei usando verniz fosco à base de resina acrílica, que ficou muito grosso e acabou criando um efeito ruim nas figuras, principalmente nos rostos, que perderam detalhes de feições.

O primeiro deles é o que está sentado na torre do M36. Como ele é um tripulante (os membros da tripulação que guarneciam a torre usavam uniforme comum, não o de tanquistas), ele não precisa estar apetrechado com cantil, arma, pá e outros acessórios, pois entende-se que esses itens estão guardados no veículo.



O soldado na torre.

O segundo está deitado e fumando. Decidi fazer dele um enfermeiro, bastando para isso adicionar decalques com a cruz vermelha no capacete e na manga da camisa (do mesmo set de decalques do Luciano Barbosa). Ele não tem armas, mas faz uso de uma mochila.



O enfermeiro deitado.

O terceiro está lendo uma carta. Foi preciso forçar com cuidado o dedo polegar da mão dele (que originalmente segurava um fuzil) para se fechar e assim poder segurar a carta, que foi feita a partir da redução de uma carta real no computador. Os envelopes são de um set de mapas, mas também poderiam ter sido feitos no computador. Ele é um soldado da infantaria, tendo então a sua arma (uma submetralhadora Thompson), bem como os seus apetrechos de campanha (cantil, faca, cartucheiras, etc.). Um cuidado muito negligenciado é quanto às cartucheiras. Elas variam de forma e tamanho conforme o carregador da arma que o soldado está utilizando.



O soldado lê uma carta de casa. Embora a cena nos transmita a serenidade do momento, a sua metralhadora está bem ao alcance da mão.

O seguinte também é da infantaria e está sentado sobre um caixote, de mangas arregaçadas (ambas), com todos os acessórios (inclusive mochila às costas) e estendendo a mão para outro soldado. O detalhe está na mão com o relógio de pulso, que foi “amputada” de um outro braço e implantada nele.



O soldado sentado no caixote e estendendo a mão. O transplante de mão com relógio foi um sucesso total.

Diante dele está um tripulante do M36 com uniforme normal de tanquista (é o motorista ou o rádio-operador). Como o primeiro, ele não tem apetrechos, mas conseguimos dar-lhe um requinte com a luva “retirada” da mão esquerda e segura pela direita. A luva foi feita com acetato e enrolada para ser colada à sua mão. Como ele é o único homem em pé nessa cena, introduzimos um preguinho no seu pé direito, para dar maior firmeza na sua fixação ao diorama. No local em que ele ficará, fazemos um furo na base, com a mini-furadeira, onde o prego será inserido.



O tripulante do blindado, ainda não fosqueado. Observe o prego fixado ao seu pé.

O seguinte está sentado na calçada. Também é da infantaria, tendo um fuzil ao seu lado e os apetrechos normais. Ele usa o boné ao invés do

capacete, que também está ao seu lado, e segura uma garrafa (pretende oferecê-la ou acabou de recebê-la? Deixarei esta questão para os filósofos de plantão).



O soldado e sua garrafa.

O sétimo e último está fumando sentado no degrau da casa. É um infante, com todos os apetrechos regulamentares, tendo o fuzil encostado na parede à sua direita e o capacete no degrau, à esquerda. Este soldado teve a cabeça original arrancada e substituída por uma de metal, sem capacete e sorrindo. Este processo é muito simples, mas requer a furadeira com escareador, para extrair todos os vestígios do pescoço original por dentro da roupa, pois não pode haver nenhum sinal de união entre a cabeça de metal e o corpo de plástico. Essa união tem que ser completamente ocultada pela roupa.



O sétimo e último soldado. A cirurgia deste aqui foi mais séria: transplante de cabeça.

Todos os soldados são então fixados em suas posições, previamente estudadas, com cianoacri-

lato. Duas das figuras foram convenientemente alocadas em função de ligeiros desvios dos seus troncos. O leitor da carta está apoiado no poste e o do degrau está com as costas apoiadas no portal da casa. Após a fixação, é conveniente fosquear em torno da área, para eliminar qualquer reflexo proveniente da cola.



Aplicação de fosqueador nas áreas onde foi aplicada cola. Precaução nunca é demais.

Pequenos Detalhes que Fazem Diferença:

Os cigarros que duas das figuras estão fumando são feitos com um pedaço bem fino de sprue pintado de branco, com a ponta pintada de cinza escuro. Muito fácil.



Confecção do cigarro. O importante aqui é acertar na espessura e comprimento dele, evitando que ele fique parecendo mais um charuto branco.

As alças que prendem as mochilas e a lona no cabideiro do M36, bem como as tiras dos óculos de duas das figuras, são feitas com uma fita feita de tinta, por um processo que nós do SOMNIUM chamamos de "Método Carmelal". Sobre um pedaço de fita durex, colada a uma superfície lisa e plana, pintamos a cor desejada (no caso, esmalte

sintético marrom conhaque), de preferência em duas demãos. Uma vez seca a tinta, cuidadosamente cortamos uma fina tira e a removemos da fita com o auxílio de um estilete. A fita de tinta aderirá a qualquer superfície como se fosse a tinta pintada normalmente (embora não com a mesma aderência), o que nos permite criar fitas bem finas e fáceis de manipular.

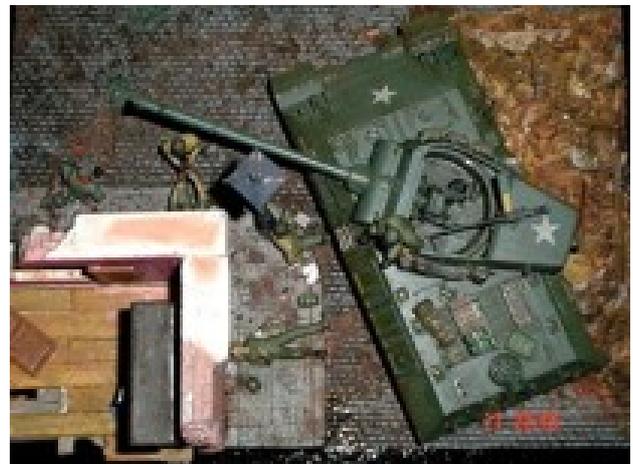


Aplicando a fita de tinta no capacete do tripulante do blindado.

Vistas:

Para dar o toque final, uma placa com o nome do diorama (Ruhr – 1945). Ela foi feita de plástico, pintada com tinta esmalte dourado e com letras transferíveis (coisa cada vez mais difícil de se achar!).

Para protegê-lo da poeira e “acidentes naturais”, um “aquário” o recobre (não está na foto), o qual pode ser de vidro ou acrílico. E para concluir, algumas vistas do diorama pronto.



Bem, então é isso. Como vocês puderam ver, é possível fazer um bonito, interessante e correto diorama a baixo custo, apesar de usarmos um kit de baixa qualidade e materiais que encontramos até no lixo.

Até a próxima!